



EDIÇÃO ESPECIAL  
LINGUAGENS E DISCURSOS DAS MÍDIAS  
NOVEMBRO DE 2012



## **APROXIMAÇÕES ENTRE OS CAMPOS DA LITERATURA E DO JORNALISMO: OLHAR SOBRE A REPORTAGEM DE ELIANE BRUM**

Antonio Carlos Sardinha<sup>1</sup>  
Lilian Juliana Martins<sup>2</sup>

### **Resumo**

O artigo discute a relação entre os campos da literatura e do jornalismo, apontando a relação conceitual e as implicações da apropriação pela prática jornalística dos recursos literários para produção de sentido e qualificação da narrativa nas especificidades do jornalismo. A partir de pesquisa bibliográfica e exploratória, apontamos reflexão sobre a produção da jornalista Eliane Brum, que, ao utilizar elementos identificados como literários em seu texto, alcança uma dimensão de sentidos amplificada sobre a produção jornalística tradicional. Para compreensão dessa experiência, o texto “A Floresta da Parteiras” é analisado considerando os aspectos jornalísticos e literários da produção da jornalista, apontando a densidade da narrativa jornalística, ao apropriar-se de recursos da literatura na produção de sentido sobre o cotidiano presente.

**Palavras-chave:** Jornalismo; Literatura; Narrativas; Eliane Brum

**Similarities between the fields of literature and journalism: look at the story of Eliane Brum**

### **Abstract**

The article discusses the relationship between the fields of literature and journalism, pointing out the conceptual and the implications for journalistic practice of appropriation of resources for production of literary meaning and qualification of the specifics of narrative journalism. From literature search and exploratory pointed reflection on the production of journalist Eliane Brum, that by using labeled literary elements in his text, reaches a size of amplified senses on traditional journalistic production. To understand this experience, the text "The Forest of Midwives" is analyzed considering the aspects of production journalistic and literary journalist, pointing to densidade of journalistic narrative, appropriating the resources of literature to produce this effect on daily life.

**Keywords:** Journalism;, Literature;, Narratives; Eliane Brum

---

<sup>1</sup> Jornalista, Mestre em Comunicação (UNESP). Professor do Curso de Comunicação Social- Jornalismo da Unemat. Integra o Grupo de Pesquisa Comunicação, Cultura e Sociedade (Unemat).

<sup>2</sup> Jornalista, Mestre em Comunicação (UNESP). Professora no Curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC – UNESP).



## Introdução

O debate envolvendo o papel do jornalismo na contemporaneidade passa, obrigatoriamente, por uma reflexão sobre os desafios éticos, técnicos e estéticos que envolvem este campo em meio ao contexto desafiador de apropriação dos dispositivos tecnológicos para produção de discursos e sentido pelos mais diversos atores, movimentos e instituições (Castells, 2002; Kovach e Rosenstiel, 2004; Wolton, 2004)

Em linhas gerais, pensar epistemicamente o campo jornalístico, a natureza de sua narrativa singular (Meditsch, 1992), de forma a compreender seu lugar de fala em meio aos demais discursos, é caminhar para uma abordagem já no campo profissional das possibilidades de manter o vigor e a eficácia do próprio discurso jornalístico como lugar privilegiado de fala sobre a produção de sentido sobre os acontecimentos, a partir da notícia (Silva, 2009)

De certa forma, este desafio conceitual, que se espalha por buscas alternativas nas suas respectivas implicações técnicas, estéticas e éticas para produção do jornalismo, resulta no estudo de abordagens capazes de situar cuidadosamente a narrativa jornalística (como mais uma) em meio ao cenário de déficits das narrativas produtoras de sentido na contemporaneidade (Medina, 2008)

É nesse contexto que apontamos o jornalismo na interface com o campo da literatura. Mais do que sublinhar um gênero ou uma modalidade peculiar de jornalismo, o que nos levaria a compartilhar da classificação de Jornalismo Literário, optamos por discutir o jornalismo e sua relação produtiva, mas tensionada e complexa com a literatura, na apropriação histórica de recursos dessa área para qualificar a narrativa jornalística.

É essa apropriação pensada como alternativa identificada em reportagens jornalísticas, livros reportagens e até mesmo no espaço do telejornalismo (Ijuim; Sardinha, 2009) que optamos por tratar da apropriação dos recursos da literatura pelo jornalismo para fortalecer o vigor necessário de sua narrativa em tempos cada vez mais complexos para produção de informação jornalística.

Primeiramente, apontamos aspectos conceituais e históricos envolvendo este contexto que atravessa o campo profissional do jornalismo e a relação entre os campos do jornalismo e da literatura. Essas indicações contribuem na compreensão do que apontamos, em um segundo momento, como alternativas situadas



conceitualmente, a partir do campo de conhecimento sobre o jornalismo, e traduzidas em caminhos criativos para tensionar, a partir da demanda e da necessidade por consumo de informação na contemporaneidade, as novas abordagens ao fazer jornalístico, identificadas por sua vez na ação de repórteres.

Dentre as iniciativas apontadas como referência para o estudo da interface criativa entre jornalismo e literatura, apontamos estudo de uma das reportagens da jornalista Eliane Brum para tratar e pontuar essa interface e sua materialização na prática da reportagem.

### **Questões contemporâneas ao jornalismo**

Compreende-se o papel do jornalismo agendar socialmente temas de interesse coletivo, com capacidade de produção de conhecimento conforme especificidade desse campo, amplificando e tornando público os conhecimentos produzidos pelos atores e instituições que disputam a legitimidade do jornalismo como esfera pública contemporânea por meio de uma mediação equilibrada (Spenthof, 2007).

Para tanto, espera-se do campo profissional a demonstração de um domínio de técnicas e estéticas capazes de potencializar e se apropriar de modo criativo da linguagem jornalística como linguagem do conflito comprometida com a elucidação (Chaparro, 2001) e expressá-las em uma narrativa vigorosa, capaz de compensar os déficits da interpretação da experiência coletiva (Medina, 2008), obedecendo com o mesmo rigor compromissos éticos e históricos da profissão (Karam, 2004). São atributos que credenciam o jornalista como narrador contemporâneo capaz de captar, compreender e difundir pela narrativa marcada pela eficácia argumentativa.

No âmbito das transformações contemporâneas e que perpassam as mutações sociotécnicas e discursivas que afetam o campo jornalístico, destacam-se que é nos limites da modernidade-mundo (Ianni, 2000), onde estão os lugares de memória, de imagens fortemente simbólicas, que se instauram movimentos específicos mais amplos com relação a valores e aos próprios conceitos de espaço e tempo partilhado pelas pessoas (Silva; Soares, 2011).

A ciência, a tecnologia e a informação com seus respectivos estatutos cognitivos e dispositivos estão nas bases de todas as formas de utilização do espaço/tempo contemporâneos. O mundo se globaliza e, ao mesmo tempo, hierarquiza-se e fragmenta-se, fazendo emergir uma nova relação entre global e local: ao se



unificarem no global e se unirem no local, as diferenças e contradições – portanto, identidades – só podem aparecer enquanto locais (Silva; Soares, 2011)

Apesar das mutações tecnológicas que impactam sobremaneira o mercado da informação e o fazer jornalístico, o jornalismo em si mantém seus fundamentos como instituição produtora de sentido na contemporaneidade. Fundamentos esses que estão para além dos processos de produção da informação, ao contrário, incluem também os diversos e distintos modos de recepção da notícia.

Conforme Jorge Pedro Sousa (2002), as notícias, dentre tantas funções, participam na definição de uma noção partilhada do que é atual e importante e do que não o é, elaborando o que se convencionou como conhecimento singular (Meditsch 1992) sobre a realidade e sugerindo, a partir do fórum de debate que promove, respostas que cotidianamente os cidadãos enfrentam. O consumo de notícias reforça ou transforma pequenas ações cotidianas até as decisões políticas que tomamos na vida social.

Do ponto de vista do papel dos jornais e o seu reposicionamento diante das mudanças no mercado de mídia, discute-se os desafios ao jornalismo, em especial do jornalismo impresso, em atender as demandas por informação diante deste contexto global.

Meyer (2007) ao discutir sobre a (im)possibilidade de fim dos jornais destaca que a maneira como se faz jornalismo impresso diário precisa mudar. Na abordagem realizada sobre o futuro dos jornais, o autor destaca que a credibilidade é o principal capital do jornalismo, o que remete a discutir a legitimidade deste campo produtor de sentido sobre o cotidiano diante dos discursos da ação, do conhecimento e da ação que circulam na esfera pública, conforme Wolton (2004)

Dominique Wolton pontua que além da escritura ser sinônimo de legitimidade e duração, a confiança dos leitores no jornal impresso exige que esta modalidade de jornalismo continue na construção e interpretação da informação, o seu principal capital frente a outros meios (Wolton, 2005).

No já referenciado Seminário Internacional realizado pelo jornal *Clarín* em 2005, o diretor do diário italiano *LaRepubblica* Mario Calabresi<sup>i</sup>, presente nos debates, considerou as transformações pelas quais vem passando o jornalismo impresso. “É evidente que os diários, tal como os conhecemos há dez anos, têm poucas possibilidades de sobreviver. Se quiserem sobreviver, vão ter que trocar de pele”<sup>ii</sup>.



Apesar da profundidade e da análise também aparecerem na fala de Calabresi, o editor italiano indicou as alternativas para que os conteúdos sejam de fato atrativos para leitores que tem cada vez menos tempo e hábitos de leitura cada vez mais irregulares:

Não se pode pensar que os diários competem com o rádio, a TV, Internet e a imprensa gratuita. Eles devem jogar seu próprio jogo duplo: por um lado, profundidade e análise íntegra; por outro, uma aposta forte na escrita, pelo jornalismo narrativo e pelas histórias e preocupações dos cidadãos.

Essa aposta forte na escrita é completada pelas conclusões do debate realizado pelo jornal argentino: “Um diário deve ter uma atitude proativa com a realidade. Opor-se com criatividade à inércia cultural e certamente vivenciar riscos”<sup>iii</sup>, concluiu Ricardo Kirschbaum, editor geral do *Clarín*.

Sodré (2009) sinaliza o aprofundamento do fato como um requisito central para o desenvolvimento de uma imprensa de qualidade. A contextualização da informação e as conexões que ficam ocultas nas superfícies dos acontecimentos mostram-se para Sodré como horizontes para a “grande imprensa”. Uma vez que a tríade tecnológica da tevê/celular/internet supre a demanda pela informação imediata, resta ao jornal o diferencial da narrativa aprofundada.

O pesquisador lembra que quando analistas do campo profissional juntam-se aos que criam estratégias comerciais para a indústria jornalística e aos pesquisadores acadêmicos para pensar no futuro dos jornais existe uma concordância sobre o caminho a seguir:

A unanimidade quanto aos efeitos concorrenciais das novas mídias e do fluxo livre ou caótico de informação tem como contrapartida o aparente consenso de que o antídoto para o veneno da crise estaria na qualidade da informação, portanto, no aprofundamento da forma própria de conhecimento jornalístico. (Sodré, 2009, p. 45)

### **Jornalismo e literatura e as possibilidades alternativas ao fazer jornalístico**

A definição mais compartilhada sobre o jornalismo é aquela que recai sobre a natureza de certo parentesco, ainda que presunçoso e imprudente, com a História. Jornalismo é a atividade que apura os acontecimentos, torna os fatos observáveis, procura comprová-los e torná-los palpáveis para serem transmitidos como produtos com a insígnia da veracidade e da credibilidade. “Com isso, estaria – ou desejaria prestar – uma espécie de testemunho do ‘real’, fixando-o e ao mesmo tempo buscando



compreendê-lo” (Bulhões, 2007). Diante do mundo que espera ser apreendido de forma “isenta” e “imparcial”, a linguagem jornalística aparece como meio. Já na literatura, sua natureza está justamente naquela que percebe a linguagem como fim.

A linguagem na literatura é o centro das atenções, ela é portadora de potencialidade expressiva que pode recriar o verbal e destituí-lo de sua função cotidiana e costumeira. Assim, todo texto literário se torna insubstituível, impregnado de valor único e indissociável à obra. Considerando estas características da literatura, sua função não está exatamente atrelada à comunicação.

Se há um universo na literatura a ser informado, ele só importa como algo a ser *enformado*, ou seja, configurado em uma forma especial que lança uma experiência que antes não existia. Nesse sentido, todo texto literário cria um novo mundo, o mundo da linguagem que ele produz (Bulhões, 2005, p. 14).

Estas distinções vêm, como lembra Bulhões, de iniciativas realizadas no século XX para sublinhar a distinção entre as duas manifestações. No início do século, os estudos dos formalistas russos encontraram o objeto da literatura: *a literalidade*, ou seja, a capacidade que as produções literárias têm de lidar com seu uso da linguagem, desviando-o da trivialidade.

Do outro lado, a partir da segunda metade do século XX, o modelo americano de se fazer jornalismo se espalhou pelo mundo. Nele, a padronização textual, marcada pela precisão e homogeneização da linguagem, foi determinada como necessária para corresponder ao efeito de objetividade. Por esta percepção do jornalismo, qualquer elemento linguístico considerado acessório ou decorativo seria descartado.

Com estas diferenciações, o afastamento entre jornalismo e literatura foi sendo cravado pela urgência informativa necessária à produtividade industrial da notícia. A preocupação total com o fato no jornalismo se fixou do lado apostado ao desregramento e à fantasia possíveis na ficção.

A literatura corresponderia à capacidade de atingir uma dimensão universal e essencial da subjetividade humana, a da atividade imaginativa. Já o jornalismo teria como função a compreensão sobre a própria vida, aquela que pode ser retratada de forma plausível e demonstrável, contrária a qualquer produto de ficção ou fantasia.

Se, na literatura, a forma é compreendida como portadora, em si, de informação estética, em jornalismo a ênfase desloca-se para os conteúdos, para o que é informado. O jornalismo se propõe a processar informação em escala industrial e para o consumo imediato (Lage, p. 38, 2006).



Mas definições como essa colocam a ficcionalidade e a factualidade em campos distintos, em compartimentos que as separam, deixando-as imaculadas. É como dizer, ingenuamente, que a ficcionalidade é exclusivamente associada à ideia do improvável e do incomunicável com o real empírico. E que o jornalismo, sem considerá-lo fruto da individualidade subjetiva de quem o produz, é capaz de apreender o real, de registrar realidades comprováveis.

Os que acham que só é jornalismo a matéria pura e reducionisticamente factual, presa à antiga fórmula do que, quem, como, onde, porquê; descarnada de qualquer imersão significativa do repórter no olho do furacão de seu tema de abordagem. (Lima, 2003, p.11)

Como lembrado por Lima, quando se assumem as respostas para as perguntas do lead<sup>iv</sup> como as únicas passíveis de apreender a realidade, comete-se o erro de acreditar que o jornalismo não é também um caleidoscópio subjetivo de diferentes versões. O “real”, no conturbado século XX, passou a ser um problema complexo que pode ser submetido a diferentes e contraditórias percepções.

Atingiu-se uma profunda desconfiança: a de que o real nunca é algo intacto ou puro, mas se dá a conhecer sempre como linguagem, na constituição dos discursos. Assim, aquilo que chamamos *realidade factual* nunca estaria a salvo de uma construção de linguagem, a qual, por sua vez, é moldada no palco das relações sociais e econômicas. (Bulhões, 2008, p.22).

Apesar do consenso no próprio campo de conhecimento reafirmado pela perspectiva da notícia como construção social (Traquina, 2005; Alsina, 1996), a ideologia profissional compartilhada de que o jornal impresso diário constrói a realidade continua reafirmada pela crença na objetividade e pelo discurso de neutralidade.

A página de um jornal diário contemporâneo é pesada, caleidoscópica; tudo precisa estar ali. Por mais que seja considerado o esforço dos editores e dos diagramadores que reformulam a diagramação das páginas e criam novos projetos editoriais periodicamente na tentativa de deixá-lo mais leve, a imagem que se apresenta é a de um quebra-cabeça com peças esparsas e sem encaixe. Nada pode escapar: crimes, fofocas, decisões políticas, o gol do jogo do dia anterior. Tudo é registrado pelos olhos presunçosos e vorazes de um



novo deus, onipresente e vigilante, que tudo consome, mas que é incapaz de evitar o destino das maiorias das notícias publicadas: a efemeridade.

O jornalismo que consegue resistir ao seu quase inevitável destino precível é aquele que parece seduzir o leitor por seu “namoro” com a literatura.

### **Interface do jornalismo e literatura sob perspectiva histórica**

A imprensa americana da década de 1960 passou por mudanças que abalariam para sempre os pilares do texto jornalístico guiado pela busca da objetividade. O *New Journalism* começa quando as revistas *Esquire* e *Herald Tribune* publicam suas reportagens especiais assinadas por Jimmy Breslin, Tom Wolfe e Gay Talese e desemboca em grandes narrativas nas produções de Truman Capote e Norman Mailer.

O afrontamento destes jornalistas não começa com um manifesto, uma publicação doutrinária ou um delineamento de técnicas estabelecido por um grupo coeso em torno de um movimento, mas por um posicionamento adotado quanto ao fato observado, os personagens entrevistados e o trabalho com a linguagem para noticiá-los. Bulhões explica em que ponto empregar a palavra *movimento* é coerente:

O que pode haver de *movimento* no que ele representou é tomar a palavra como sinônimo de agitação, animação e abalo, pois o *New Journalism* agitou o epicentro do jornalismo mundial e abalou estruturas fossilizadas da textualidade jornalística. Como um autêntico filme-catástrofe americano, seu impacto fulminante lançou influência em vários países, aclimatando-se depois a realidades nacionais e contextos peculiares, como no caso do Brasil ( Bulhões, 2007, p.145).

Inspirados em matrizes da ficção realista do século XIX, os jornalistas do *New Journalism* movimentaram os padrões de redação jornalística vigentes em meados do século XX. A textualidade jornalística fica, a partir de então, calcada em procedimentos literários que, munida de intensa investigação, deflagra-se em forma de pequenas, médias ou grandes reportagens. Com técnicas de observação herdadas dos escritores do Realismo, o repórter “mergulha” na realidade a ser noticiada em busca da narrativa.

As técnicas ficcionais são, assim, adaptadas às reportagens. Os textos são construídos com variações de ponto de vista, aparecem monólogos interiores de um narrador autoconsciente e participante e a ênfase na composição dos personagens constrói a transcendência da objetividade.





Dantas (1997), no prefácio de sua antologia *Repórteres*, explica o tipo de texto destes jornalistas americanos: “O que acontece é a reportagem tocada pela literatura parecer, de repente, obra de ficção, o que não significa deixar de lado o fato, a informação jornalística” (Dantas, 1997, p. 13). Comentado por Dantas e tantos outros escritores que colocam à mesa a discussão sobre reportagens de qualidade, o *New Journalism* dos americanos se tornou uma referência para os que buscam uma alternativa ao jornalismo padronizado, convencional.

Tom Wolfe aponta como os escritores do *New Journalism* não se intimidavam com as restrições à utilização da subjetividade do jornalismo tradicional. Pelo contrário, as técnicas da literatura são adotadas justamente para corresponder à dimensão máxima subjetiva da história, fisingando de vez os leitores para a reflexão. Wolfe conta sua intenção de alfinetá-los:

Gostava da idéia de começar uma história deixando o leitor, via narrador, falar com os personagens, intimidá-los, insultá-los, provocá-los com ironia o condescendência, ou seja lá o que for. Por que o leitor teria de se limitar a ficar ali quieto e deixar essa gente passar num tropel como se sua cabeça fosse catraca de metrô? (Wolfe, 2004, p. 31.)

Esse “insulto” feito por Wolfe e outros jornalistas-escritores estimula a percepção do leitor sobre o texto e o convida a vivenciar também o que está relatado. Para alcançar este efeito, a primeira pessoa é utilizada com frequência. E para a ousadia ir além, percebe-se, em muitas produções, o aprofundamento no psiquismo dos personagens.

Wolfe, não raramente, abandona a voz onisciente da terceira pessoa e se transporta para os pensamentos do personagem que ele entrevistou. Ao acessar subjetivamente o ponto de vista do personagem, fazendo uso do fluxo de consciência<sup>v</sup>, o escritor afasta-se da tradição realista, pontuada na abordagem teórica da definição do *New Journalism*, e se aproxima do legado da modernidade e do contexto contracultural dos anos de 1960.

Para Bulhões, as diferentes técnicas narrativas utilizadas, a formalização do que é fragmentado e as diferentes interpretações possíveis quanto ao conteúdo mostram a busca de sentido que condiz com o contexto questionador e libertário da contracultura, mas também sobre a busca de contornos para o próprio *New Journalism*.



Se por um lado a corrente desafiou o aprisionamento das salas de redação jornalísticas com as armas da literatura, tais armas nem sempre estiveram em consonância com as conquistas mais arrojadas da literatura do século XX ( Bulhões, 2006, p. 165)

Ainda que se percebam seus indisfarçáveis limites de abordagens psíquicas quando opta pela utilização dos recursos do Realismo, o *New Journalism* abalou definitivamente o modo de fazer jornalismo. Para dimensionar o tamanho do tremor que começou esse movimento há mais de 50 anos, basta observar os diversos pontos em comum de uma tendência recente: o *Narrative Writing*.

No Brasil, desde o final do século XIX e início do passado, as aventuras de jornalistas que utilizavam de recursos literários para ultrapassar a simples intenção de informar fatos aos leitores são, até hoje, referenciadas. Os textos de João do Rio, um dos pseudônimos do jornalista Paulo Barreto, por exemplo, retrataram sua vivência em busca de reportagens no início do século XX e traziam um estilo destoante da ornamentação dos textos publicados nos jornais da época.

Outras produções jornalísticas marcadamente literárias como as de Lima Barreto e de outros jornalistas-escritores ficaram para a posteridade. Outros tantos escritores-jornalistas brasileiros como Benjamin Costallat ou mesmo escritores de renome como Nelson Rodrigues e Clarice Lispector ultrapassavam constantemente as fronteiras que separam o jornalismo da literatura, deixando produções jornalísticas-ficcionais de grande valor literário. Dizia Nelson Rodrigues sobre o assunto: “Eu não via nenhuma dessemelhança entre literatura e jornalismo. Já ao escrever o primeiro atropelamento, me comovi como se fosse minha estréia literária” (Costa , 2001, p. 242).

Mas, no Brasil, o exemplo mais ilustrativo de veículo impresso dessa resistência ao tempo é a sempre reverenciada *Revista Realidade*, publicada na década de 1960. A combinação de escolha temática arrojada com texto trabalhado com características literárias fez de *Realidade* uma precursora de polêmicas e inquietações culturais e políticas. Em seus exemplares, grandes reportagens podiam ocupar dez, quinze páginas, repletas de textos com recursos literários.

Nunca, na história da imprensa nacional, os jornalistas foram tão escritores como naquele período. As reportagens, verdadeiras peças literárias. Sem prejuízo da informação, o texto encadeava a história que seduzia o leitor. Sem a necessidade de definir de cara o *lead* ou um *sub lead* agora falando de nosso jargão de jornal. (Araújo, 2002 p. 96).



Para Araújo, a aproximação entre jornalismo e a literatura é quase inevitável porque os dois sobrevivem do mesmo meio, que é a palavra, e do mesmo fim: a conquista de leitores. Para ele, os dois ocupam seus espaços diferentes, mas se tornam melhores quando se influenciam como no caso das reportagens da *Realidade*.

Tanto melhor será o jornalismo quanto mais houver de inspiração literária. E tanto melhor será a literatura quando nela couber o que de mais importante há no jornalismo: a sedução. Os amantes da palavra, em geral, se satisfazem diante de uma história bem contada, seja ela num livro ou num jornal (Araújo, 2002, p. 97).

### **Literatura e jornalismo em convergência na reportagem de Eliane Brum**

Uma jornalista como tantos que se desdobram diariamente nas redações dos jornais diários atrás das pautas que vão preencher as páginas de notícias do dia seguinte: quando a gaúcha Eliane Brum começou a fazer um estágio no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, ela cobria a editoria de polícia seguindo o rastro das notícias, o que normalmente acontece com jovens jornalistas.

Talvez por sensibilidade, ousadia, inspiração ou ânsia por recortes que poucos fariam, Eliane começou a trazer abordagens pouco usuais a pautas que já parecem nascer “burocráticas” na redação.

A consciência sobre a importância do repórter ir à rua, levar seus sapatos aos esgotos e seu olhar a lugares que parecem improváveis à primeira vista percorre a trajetória da jornalista que, em 1999, recebeu o convite do diretor do jornal *Zora Hora*, Marcelo Rech, para escrever uma coluna semanal com o assertivo nome “A Vida que Ninguém Vê”. A proposta da coluna era desenvolver reportagens sobre pessoas, cenas e fatos corriqueiros. Nas palavras do diretor: “A ideia estava ancorada na convicção de que tudo – até uma gota de água – pode virar uma grande reportagem na mão de uma grande repórter”.<sup>vi</sup> Eliane aceitou o desafio e saiu às ruas de Porto Alegre atrás de histórias a serem contadas. Nos onze meses em que a coluna foi veiculada, 46 reportagens foram publicadas.



Sucesso entre os leitores, a coluna fez com que a jornalista ganhasse o Prêmio Esso de Jornalismo – Regional Sul em 1999. Com a posterior publicação de livro, Eliane recebeu o prêmio Jabuti na categoria Livro Reportagem.

Marcelo Rech fala dos vícios da imprensa sobre as pautas tradicionais e sobre a importância do trabalho de Eliane Brum merecer o foco da academia, segundo ele, tantas vezes distante daquilo que se propõe a estudar.

Um dia, quem sabe, algum desses acadêmicos da comunicação que se debruçam sobre aquelas teses herméticas deslocadas da vida real das redações também encare a tarefa de trazer à luz como Eliane traçou uma parte da história do jornalismo brasileiro ao escrever notáveis reportagens extirpadas das ruas anônimas (Rech, 2006, p. 14).

A coluna só deixou de existir com a ida de Eliane para a revista *Época* em 1999. Rech explica que o encerramento da coluna se deu porque não havia na redação do *Zero Hora* jornalista que tivesse as características singulares à jornalista. Na revista *Época*, Eliane assinou, por mais de dez anos, reportagens especiais em que o narrador-personagem<sup>vii</sup> percorre as periferias das grandes cidades, descobre povoados que vivem esquecidos no território do país, enfrenta seus medos e sua solidão num retiro espiritual reclusa por dez dias em silêncio e, entre outras pautas, acompanha os últimos meses de vida de uma paciente diagnosticada com câncer.

Em 2008, é lançado pela editora Globo o livro *O Olho da Rua. Uma repórter em busca da literatura da vida real*, com dez reportagens publicadas durante o período em que trabalhou para a revista *Época*. O prefácio do livro, assinado pelo jornalista Caco Barcellos, traz uma introdução sobre o teor das reportagens e suas aproximações com a literatura:

Se as histórias contadas neste livro fossem publicadas como ficção, o leitor pensaria que o autor exagerou. Seriam surpreendentes demais. Essa é a delícia da literatura da vida real feita por Eliane Brum, uma repórter que se especializou em descobrir na brutalidade cotidiana, sem perder a palavra exata e o rigor da melhor tradição do jornalismo (Barcellos, 2008, p.08).

### **Marcas do literário nas reportagens “A Floresta das Parteiras”**



Elas nasceram do ventre úmido da amazônia, do norte extremo do Brasil, do estado ainda desgarrado do noticiário chamado Amapá. O país não as escuta porque perdeu o ouvido para os sons do conhecimento antigo, a toada de suas cantigas. Muitas desconhecem as letras do alfabeto, mas lêem a mata, a água e o céu. Emergiram dos confins de outras mulheres com o dom de pegar menino. Sabedoria que não se aprende, não se ensina, nem mesmo se explica. Acontece apenas. Esculpidas por sangue de mulher e água de criança, suas mãos aparam um pedaço do Brasil. (Brum, 2008, p. 19).

Este trecho foi retirado da reportagem “A Floresta das Parteiras”, que abre o livro *Olho da Rua*. A reportagem conta a história das parteiras do Amapá. Segundo a voz narrativa, quase toda população do estado, cerca de meio milhão de habitantes, nasceu com a ajuda das “pegadoras de menino”. Sem ainda considerar a temática, a utilização das palavras no texto, a maneira com que se desloca o significado inicial delas para se promover significados inesperados, revela inequivocamente marcas do literário.

O fio condutor da introdução da reportagem é o ato de nascer. Em quase todas as frases dos primeiros parágrafos, e durante todo o texto, utilizam-se palavras que remetem ao nascimento e à maternidade. O encadeamento das idéias se estabelece por meio de metáforas, e de metonímias. O texto é, assim, desde seu principio, revelador de uma reportagem carregada de significados conotativos. Eliane explica de que forma construiu o texto das parteiras, ou seja, dando destaque para o labor verbal relacionados aos personagens da reportagem:

A riqueza da linguagem das parteiras e a forma como cada uma se expressa é o coração desta reportagem. As palavras também nasciam dessas mulheres extraordinárias de parto natural. E emergiam como literatura da vida real. Nem que eu quisesse, nem que eu estivesse fazendo ficção e pudesse inventar, eu chegaria perto da beleza com que elas se expressavam (...). Foi quase como uma psicografia de gente viva. (Brum, 2008, p. 38).

Essa “literatura da vida real”, parece colocar implicitamente em debate os conceitos do jornalismo que determina que a linguagem é meio e não fim, diferentemente da literatura onde a linguagem é a própria finalidade. Nas reportagens de Eliane, é evidente que a textualidade empregada se articula de tal modo para que a linguagem também seja marca de expressividade. Como percebido no trecho acima, a linguagem é também fim. Ao desviar as palavras de seus significados fossilizados, um pouco da experiência estética da literatura é realizada também no jornalismo.



Aguiar e Silva (1988) colabora para a compreensão do que é e o que não é um texto literário. Para Aguiar e Silva, para apreender o conceito de literatura é preciso, antes considerar um relativismo histórico sobre a literatura. Em diferentes momentos da história, o conceito foi apreendido de forma diferente. Mas, ainda que transformações estruturais da cultura e da sociedade dêem ao conceito da literatura certa mobilidade, algumas características que são consideradas próprias da literatura não são afetadas. A definição de literatura que baseia no trabalho com a linguagem (Silva, 1998, p. 75).

### **Códigos literários na narrativa jornalística**

O reconhecimento de um texto literário estaria, dessa forma, vinculado à percepção da acuidade na utilização de códigos métricos, estilísticos, retóricos, estéticos e ideológicos. Para Castagnino (1969), relativizando também os contextos históricos em que a resposta dessa pergunta pode ser dada, pontua a literatura como “estado de realização, contínuo ponto de partida, transição permanente, traduzem uma linguagem dinâmica, vital, que supõe para a literatura constante autocriação (Castagnino, 1969, p. 33). A relevância do texto literário está, como conceituado, no plano de expressão.

Ao considerar o plano de expressão nas reportagens de Eliane Brum estamos diante de textualidade com traços literários. O repórter-narrador ou a voz do repórter-narrador poderia ter optado por simplesmente dizer que as mulheres que realizam os partos nos povoados do interior Amazônia não aprendem a habilidade de fazer os nascimentos, que não frequentaram algum curso, que aprenderam a ser quem são pela necessidade ao viver em um lugar onde o atendimento médico quase não existe, pela experiência adquirida com partos anteriores. Em vez de uma descrição meramente informativa, o narrador-repórter rearranja os significados das palavras que escolhe: “Sabedoria que não se aprende, não se ensina, nem mesmo se explica. Acontece apenas. Esculpidas por sangue de mulher e água de criança, suas mãos aparam um pedaço do Brasil” (2008). O plano de expressão do trecho se dá de tal forma que a fruição para a leitura do texto, caracteristicamente jornalístico, ganha contornos comuns à literatura.



Fluir um texto literário é perceber essa recriação do conteúdo na expressão e não meramente compreender o conteúdo; é entender os significados dos elementos da expressão. No texto literário, o escritor não apenas procura dizer o mundo, mas recriá-lo nas palavras, de modo que, nele, importa não apenas o que se diz, mas o modo como se diz. (Platão e Fiorin, 2007, p. 351).

### **A repórter-personagem presente e convidativa**

Para além dos recursos comumente utilizados nos textos caracteristicamente literários, a estratégia narrativa da jornalista apresenta-a como participante da história. O narrador isento e impessoal é recusado. Suas escolhas quanto à voz narrativa contrapõem-se, dessa forma, às regras clássicas do jornalismo quanto à “neutralidade” e à “objetividade”. Eliane é vista no texto como personagem da história que nos conta:

A parteira da Amazônia dá adeus enquanto nossa canoa some no rio. A arara observa de um galho, um bando de papagaios corta o céu aos gritos, uma menina se banha na água do igarapé preparando-se para a escola. É um dia comum. Dorica pousa a mão no velho coração e, pronuncia palavras silenciosas, arranca de lá a benção aos que partem. Depois, dá as costas e vai pitar tabaco enquanto espera a hora em que o quinto filho da última barriguda da aldeia, a índia Ivaneide Iapará, 33 anos, vai esmurrar a porteira do mundo pedindo passagem (Brum, 2008, p. 23).

Ao utilizar “nossa canoa” percebemos Eliane na história e, mais do que isso, em um exercício catártico sobre a narrativa, é possível acompanhar a história pela perspectiva do narrador-personagem. Na “nossa canoa” o leitor pode se fazer presente e observar via estratégia narrativa as mesmas cenas registradas por Eliane: a arara observadora, o bando de papagaios em vôo, o banho da menina do rio que vai à escola e a parteira que abençoa os viajantes e vai esperar o próximo parto.

Gustavo de Castro, no livro *Jornalismo e Literatura, a sedução da palavra*, busca explicar a razão pela qual o jornalismo convencional não consegue essa proximidade possível com o leitor. Para corresponder aos princípios do jornalismo tradicional de “objetividade” e “neutralidade”, os fatos e acontecimentos são enquadrados em modelos e estereótipos que distanciam o leitor do fato narrado. A literatura, por sua vez, ao se aventurar por formas expressivas inesperadas de narrar (o trecho que encerra a citação anterior é bastante ilustrativo quanto essa expressividade: “o quinto filho da última barriguda da aldeia, a índia Ivaneide Iapará, 33 anos, vai esmurrar a porteira do mundo pedindo passagem”) alcança de maneira própria e individual a complexidade de uma história que está sendo contada:



O jornalismo propõe não só modelos de comportamento como modelos de entendimento da realidade, sob a máscara de que nada mais faz do que retratar a verdade nua e crua. Talvez seja por isso que a literatura ainda é o realismo possível mais indicado, sem contra-indicações, ainda que incautos, ignorantes e soberbos a considerem uma abstração. A única razão de ser da literatura consiste em dizer aquilo que só a literatura pode dizer, trata-se de esclarecer narrativamente, o mundo da vida, aventurando-se no reino das possibilidades humanas. O mundo real se ilumina de forma peculiar quando sobre ele se projeta o saber literário. (Castro, 2002, p. 81),

### O descobrir dos personagens

A “aventura pelo reino das possibilidades humanas” está registrada nos textos de Eliane Brum como uma descoberta afetiva de seus personagens reais. Utilizando de recursos característicos do realismo social do século XIX, aqueles explorados pelos jornalistas do *New Journalism*, a narradora observa os gestos, o comportamento, os costumes, a reação dos personagens imersos em seus contextos e registra-os com acuidade. Ainda que determinados pela percepção subjetiva de Eliane, o detalhamento espacial e das características marcantes dos personagens consegue nos apresentar uma dimensão amplificada dos personagens da reportagem:

“Negra, negríssima, como a terra do quilombo do Curiaú, nos arredores de Macapá. Abre os braços gorduchos, musculoso de pegar menino, alinhar vestidos e benzer doentes. “Curiaú de Dentro, Curiaú de Fora, fiz os partos no de aqui e no de lá. Tudo aqui nasceu pela minha mão”. Solene assim é Rosenilda, que larga a vassoura para contar sua sina, sacudindo-se na cadeira de balança ao som da catinga para apressar parto embaraçado: ‘Valei-me senhor, meu glorioso São João. São João foi ancorado lá no Rio de Jordão. Valha-me Deus, ó deus de misericórdia, as cordas que me ouvem haverão de me levar’” (Brum, 2008, p. 28).

A utilização das metáforas e metonímias carrega a caracterização da personagem de significações inesperadas e ampliam a percepção do leitor para o conhecimento da história das mulheres parteiras perdidas na floresta amazônica.

Para Florence Dravet (2002), recursos como os utilizados para a descrição dos personagens de uma história mostram-se reveladores. Dravet acredita que a literatura é o caminho para que a vida se apresente de outra forma: mais libertária e lúcida. É por ela que o leitor conhece o universal no singular, que descobre o outro, o reconhece e, assim, reconhece-se assim mesmo. E nesse ato de reconhecimento estaria o verdadeiro





entendimento da democratização do conhecimento. Dravet rebateria a pergunta hipotética sobre o hermetismo da literatura possivelmente da seguinte forma:

A literatura é, portanto, um dos bastiões mais poderosos da comunicação de massa em que ainda se pode acreditar. (...). Porque as palavras nos servem para conceber, comunicar, por em comum, idéias, mas também impressões; para provocar sentimentos, despertar interesse, sugerir reflexões, refletir sobre todas as coisas. É para isso que criamos e recriamos seus sentidos, todos os dias, por toda parte. Os jornalistas, como escritores, precisam ouvir, ler e escrever, compreender e interpretar, exercer sua sensibilidade, saber e conhecer através dos escritos e ditos dos outros. Mas precisam, sobretudo dar nova vida ao leitor que está morrendo. (Dravet, 2002, p. 90)

Acreditar na literatura como recurso discursivo capaz de apresentar a realidade como construção do imaginário individual e coletivo é, para Dravet, a esperança da comunicação. É por ela que o homem exerce sua singularidade, de forma universal. Explica a pesquisadora que os sentimentos, as emoções, os fatos e as relações entre os acontecimentos se cruzam de maneira única, num campo de referências particular, numa forma particular de dar sentido ao que se apresenta na vida de cada um. É na literatura, enfim, que a universalidade e a singularidade da cultura se encontram perfeitamente representadas.

Considerando a perspectiva de Dravet, pela narrativa de Eliane Brum, as parteiras são singularizadas ao serem contextualizadas em seu cotidiano recluso da floresta e, ao mesmo tempo, tornam-se universais quanto à angústia humana, sobretudo quando as descrições da narradora apresentam nosso fascínio existencial, via parteiras, pela vida e pela morte.

Isso porque o entendimento é da narrativa como enredo que exige transformação (Culler, 1999). Narrar do ponto de vista do jornalismo envolve contextualizar de modo amplo os fenômenos sociais que são pautas do trabalho do repórter. Isso significa estabelecer relações, buscar sentido para contá-ls e fazer que estes fenômenos tenham sentido para o leitor, que não deseja um conjunto de acontecimentos aleatórios descritos, mas apreender processos sociais trazidos à arena dos significados (Ijuim; Sardinha, 2009).

Sob essa via, o jornalista é o narrador legítimamente apto a captar, a partir dos referenciais simbólicos da cultura, os artefatos para um constructo que se materiza na reportagem que atribui sentido aos fenômenos sociais. E se o jornalismo é a forma social de conhecimento que se expressa no singular, a singularidade está em como o repórter percebe a pauta, vivencia o processo de reportagem e no que encontra de menos generalizante nos protagonistas do processo comunicativo, os personagens-fonte da reportagem.



A parteira e seu universo simbólico, rico em um imaginário tecido sob o manto da cultura, são rigorosamente observados, compreendidos e narrados pela repórter que constrói sob uma perspectiva peculiar o conjunto de relações significativas para uma síntese (provisória, mas suficiente) sobre a realidade vivida.

### **Considerações finais**

A relação entre os campos da literatura e do jornalismo configura-se, portanto, muito mais do que uma experiência, uma experimentação alternativa à produção tradicional das produções jornalísticas. Apresenta-se como uma estratégia narrativa que não só qualifica a reportagem como dá a ela uma dimensão amplificada de sentidos sobre a realidade reportada.

Acreditar que o texto enrijecido pela objetividade torna-o mais inteligível para os leitores é condená-los a repertórios linguísticos e culturais empobrecidos é condenar os próprios jornalistas, produtores da notícia industrializada, ao empobrecimento de possibilidades narrativas e de suas referências.

As produções de Eliane Brum respondem, dessa forma, produções que vão além ao simples ato de reportar. Eliane sublinha a importância de um trabalho “encarnado” e visceral, que apropriado no contexto das demandas colocadas ao campo do jornalismo, na singularidade que lhe é creditada, revigoram o relato jornalístico sob uma dimensão constitutiva que não se resume ao componente técnico e textual.

Ao contrário, o eco da narrativa ousada, do ponto de vista dos recursos estilísticos, só faz sentido quando significa e produz sentido na perspectiva do que se espera do jornalismo como prática social embuída de responsabilidades e funções sociais claramente demarcadas por uma dimensão conceitual e ética próprias.

### **Referências**

- ALSINA, Miguel Rodrigo. **La construcción de la noticia**. Barcelona, Buenos Aires, México: Paidós, 1996.
- BRUM, Eliane. **O Olho da Rua**. São Paulo: Editora Globo, 2008.
- BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo, literatura e violência**. A escrita de João Antônio. São Paulo: Faac, 2005



EDIÇÃO ESPECIAL  
LINGUAGENS E DISCURSOS DAS MÍDIAS  
NOVEMBRO DE 2012



- \_\_\_\_\_. **Jornalismo e Literatura em Convergência**. São Paulo: Ática, 2007.
- \_\_\_\_\_. **A ficção nas mídias**. Um curso sobre a narrativa nos meios audiovisuais. São Paulo: Ática, 2009.
- CASTRO, G.; GANELO, Alex (Org). **Jornalismo e literatura**: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2002.
- CASTAGNINO, Raúl H. **Que é Literatura?**. São Paulo: Mestre Jou, 1969.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Linguagem dos Conflitos**. Coimbra: Minerva, 2001
- CULLER, J. **Teoria literária** – Uma introdução. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.
- COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- DANTAS, Audálio. **Repórteres**. São Paulo: Editora Senac, 1997.
- FARO, J. S. **Revista Realidade: 1966-1968**. Tempo da reportagem na imprensa brasileira. Porto Alegre: Da Ulbra, 1999.
- FIORIN, J.; PLATÃO, F. **Para entender o texto**: leitura e redação. São Paulo: Ática, 2007.
- IANNI, O. **Figuras da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- IJUIM, J.; SARDINHA, A. C. Algumas meias verdades sobre a narrativa jornalística. **Comunicação & Sociedade**, Ano 30, n. 51, p. 155-176, jan./jun. 2009.
- KARAM, Francisco. **A ética jornalística e o interesse público**. São Paulo: Summus, 2004.
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo** - o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2004.
- KUCINSKI, B. Do Discurso da Ditadura à Ditadura do Discurso. **Cadernos Diplô. Le Monde Diplomatique**, São Paulo, n. 03, p. 46-49, jan. 2002.
- LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.



LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Unicamp, 1995.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**. Narrativa e Cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

\_\_\_\_\_. Déficit de abrangência nas narrativas da contemporaneidade. **Matrizes**, Ano 2, nº 1, 2008.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis. Ed. UFSC, 1992.

MEYER, Philip. **Os Jornais podem Desaparecer?**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

SILVA, G. O fenômeno noticioso: objeto singular, natureza plural. **Estudos em Jornalismo e Mídia** - Ano VI - n. 2 pp. 09 - 15 jul./dez. 2009

SILVA, Gislene; SOARES, R. L. Da necessidade e da vontade de se consumir notícia. **Comunicação, Mídia e Consumo** (São Paulo. Impresso), v. 8, p. 181-198, 2011.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. **Teoria da Literatura**. Coimbra: Livraria Almedina, 1988.

SPENTHOF, Edson Luiz. O jornalismo como esfera pública social: uma análise da cobertura do referendo sobre o aborto em Portugal. **Mídia & Política**, n. 29.2007.

SODRÉ, M. **A narração do fato**. Notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Editora Vozes, 2009

SOUSA, J. P. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Chapecó: UniChapecó/Argos, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo. Volume 1: Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

---

<sup>i</sup> Seminário Internacional – Presente y Futuro do Periodismo Real: <<http://www.clarin.com/suplementos/cultura/2005/07/09/u-1009746.htm>>

<sup>ii</sup> Disponível em: <<http://www.clarin.com/suplementos/cultura/2005/07/09/u-1009746.htm>>

<sup>iii</sup> Disponível em: <<http://www.clarin.com/suplementos/cultura/2005/07/09/u-1009746.htm>>

<sup>iv</sup> O lead como forma de organização da informação procura responder a cinco perguntas essenciais (que, quem, quando, onde, como e por que) ao relatar um fato, apresentando- o como notícia.



EDIÇÃO ESPECIAL  
LINGUAGENS E DISCURSOS DAS MÍDIAS  
NOVEMBRO DE 2012



---

<sup>v</sup> Fluxo de consciência é uma técnica literária introduzida por James Joyce, em que o monólogo interior de um ou mais personagens é transcrito. Nesta técnica, a narrativa apresenta-se como um fluxo de consciência que intercepta presente e passado, quebrando os limites espaço-temporais. No fluxo de consciência há uma quebra da narrativa linear, onde já não é tão claro distinguir entre as lembranças da personagem e a situação presentemente narrada. Na literatura brasileira, a obra de Clarice Lispector é ilustrativa sobre a técnica.

<sup>vi</sup> A citação de Marcelo Rech está na página 13 do prefácio do livro *A Vida que Ninguém Vê*.

<sup>vii</sup> Segundo definições de Vitor Manuel de Aguiar e Silva, no livro *Teoria da Literatura*, o autor textual, nesse caso Eliane Brum, não se relaciona necessariamente com o narrador. O narrador representa, enquanto instância autônoma, “o discurso narrativo, uma construção, uma criatura fictícia do autor textual, constituindo esse último, por sua vez, uma construção do autor empírico” (Silva, 1988, p.695). Dessa forma, ao designar a instância discursiva em Eliane Brum vamos compreendê-la como narrador